



O MAU SELVAGEM: A APROPRIAÇÃO DO MITO FREUDIANO DE *TOTEM E TABU* POR OSWALD DE ANDRADE NO “MANIFESTO ANTROPÓFAGO”

THE BAD SAVAGE: THE APPROPRIATION OF THE FREUDIAN MYTH OF TOTEM AND TABOO BY OSWALD DE ANDRADE IN “THE CANNIBALIST MANIFESTO”

Pedro Teixeira Castilho*
Leo Bryan Lisboa**

* contatocastilho@gmail.com
Professor FAE – UFMG.
** leobryanlb@gmail.com
Letras – UFMG.

RESUMO: Ao se insurgir contra a arte burguesa e os valores eurocêntricos que a legitimam, a Antropofagia de Oswald de Andrade encontra amparo, paradoxalmente, em discursos disseminados por diversas correntes de pensamento originárias da própria Europa. Mas é a partir dos estudos de Sigmund Freud, notadamente de seu texto *Totem e tabu* (1913), que o poeta paulistano passa a conceber sob uma nova lógica as relações entre culturas centrais e culturas periféricas, como as latino-americanas. A eliminação da autoridade imposta pela tradição “pater-na” herdada do continente europeu – ou seja, o ato de *parricídio* – se apresenta, nessa perspectiva, como única solução capaz de pôr termo à dominação cultural imposta durante séculos à arte nacional. Intenta-se, com este breve artigo, apontar as relações de intertextualidade estabelecidas entre a antropofagia oswaldiana e o mencionado estudo de Freud, bem como as ressignificações operadas pelo poeta paulistano sobre os conceitos de *totem e tabu*.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo Brasileiro; Oswald de Andrade; Antropofagia; Nacionalismo E Cultura; *Totem e Tabu*.

ABSTRACT: Rising against Eurocentric precepts that legitimize the bourgeois art inherited from the nineteenth century, Oswald de Andrade’s “Manifesto Antropófago” (1928) is paradoxically underpinned by discourses disseminated by several areas of thought originated in Europe itself. As the Brazilian poet becomes influenced by the studies of Sigmund Freud, notably from his text *Totem and Taboo* (1913), the relations between central and peripheral cultures, as the Latin American ones, are then pictured in his works according to a new logic. The elimination of the authority imposed by the “fatherly” canon inherited from Europe – the act of parricide – is, in this perspective, the only means to the end of suppressing the cultural domination imposed for centuries on Brazilian art. In this brief article, the intertextuality established between Oswald de Andrade’s Anthropophagy and the classical essay written by Freud is pointed out, as well as the re-significances operated by the poet on the concepts of *Totem and Taboo*.

KEYWORDS: Brazilian Modernism; Oswald de Andrade; Anthropophagy; Nationalism And Culture; *Totem and Taboo*.

Na ocasião em que são celebrados os cem anos do “brado retumbante” proferido às margens do riacho do Ipiranga, a então jovem república brasileira padece ainda de um mal que aflige a nação desde os primeiros tempos do Império: a subordinação cultural. Os modernistas, sobretudo de São Paulo e do Rio de Janeiro, arrogam-se, portanto, de um projeto político análogo àquele realizado no século XIX pelos intelectuais românticos: a construção de uma tradição genuinamente nacional.

Assim como na cena eternizada por Pedro Américo em sua encomiástica tela *Independência ou morte!* (1888), a capital paulista se torna novamente o palco de um gesto inaugural de rompimento – dessa vez, porém, voltado a campos outros, como as artes visuais, a música e a literatura. Anuncia o *Correio Paulistano* em sua edição de domingo, 29 de janeiro de 1922, que “diversos intelectuais de São Paulo e do Rio, devido à iniciativa do escritor Graça Aranha”, exibem no Teatro Municipal, entre os dias 11 e 18 de fevereiro daquele ano, o que então seria considerado “rigorosamente atual” no panorama artístico da época.¹ De cunho simultaneamente nacionalista e cosmopolita, a Semana de Arte Moderna representa o marco inicial de um movimento que, nos anos vinte, empreende uma transformação no modo como é estabelecido o diálogo com a tradição europeia na produção artística brasileira. Postulam os modernistas que essa relação, até então caracterizada por uma assimilação passiva e acrítica

dos elementos estrangeiros, seja orientada por um princípio de autenticidade e conduza à afirmação dos valores locais.

Tomada em seu conjunto, a obra de Oswald de Andrade exprime com nitidez a proposta de que se incumbem os artistas brasileiros ligados ao Modernismo. Não apenas no “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” (1924) e no “Manifesto Antropófago” (1928) sobressai tal preocupação, que, cabe ressaltar, perpassa ainda sua obra poética, bem como seus romances e ensaios. A maneira, porém, com que esse programa é levado a cabo pelo poeta paulistano põe em evidência uma série de ambiguidades e contradições, como observa Adriano Bitarães Netto no valioso estudo *Antropofagia oswaldiana: um receituário estético e científico* (2004). Algumas delas serão abordadas no presente ensaio.

Dentre os recursos de que Oswald de Andrade lança mão para expor seu projeto de renovação e emancipação da produção artística nacional, destaca-se o emprego reiterado de metáforas oriundas do campo semântico da digestão. Paradoxalmente, embora utilizadas justamente com o propósito de contestar a ideologia do progresso e o tecnicismo apregoados pelo Positivismo, tais figuras de linguagem constituem, segundo Luís Alberto Brandão Santos, um legado do cientificismo que caracteriza o pensamento do século XIX:

1. GONÇALVES. 1922: a semana que não terminou, p. 16

[...] seria estimulante avaliar as limitações, derivadas de seu biologismo, da própria metáfora da devoração, seja porque nela está embutido o pressuposto positivista de que as sociedades são organismos em diferentes estágios de evolução, seja porque lida com uma concepção assimilativa (por adesão ou recusa) das relações entre culturas, seja porque endossa uma visão naturalizante, apesar de “tecnicizada”, dos sistemas de organização social.²

O ato de devoração, assim, compõe o cerne da profiliaxia idealizada por Oswald de Andrade em seu “Manifesto Antropófago” para prevenir e evitar a mais nefasta enfermidade combatida pelos modernistas: a submissão crônica da cultura brasileira à tradição europeia. A imagem do canibal, nessa perspectiva, cumpre um duplo papel: em primeiro lugar, realiza uma função de agente – logo, não mais uma função passiva – no processo de aculturação, uma vez que é ele quem, por meio da deglutição da matéria estrangeira, se apropria das virtudes do inimigo vencido; em segundo lugar, aponta para um estágio natural e puro da nacionalidade, anterior ao processo civilizatório imposto pelo colonizador europeu.

Ao insurgir-se contra a arte burguesa e os valores eurocêntricos que a legitimam, a Antropofagia de Oswald de Andrade encontra amparo – mais uma vez, paradoxalmente – em discursos disseminados, no final do século XIX e nas

primeiras décadas do século XX, por correntes de pensamento originárias da própria Europa. Além das vanguardas surrealistas, cubistas, dadaístas e futuristas, a filosofia nietzschiana e a antropologia de James George Frazer dedicam especial atenção à figura do selvagem primitivo, alheio ao processo civilizatório e, portanto, livre da moral cristã e da reificação operada sobre o homem pela modernidade e pelo capitalismo. Mas é a partir dos estudos de Sigmund Freud, notadamente de seu texto *Totem e tabu* (1913), que o poeta paulistano passa a conceber sob uma nova lógica as relações entre culturas centrais e culturas periféricas, como as latino-americanas. A eliminação da autoridade imposta pela tradição “paterna” herdada do continente europeu – ou seja, o ato de *parriçídio* – se apresenta, na perspectiva em que a psicanálise freudiana é recepcionada pelos modernistas brasileiros, como única solução capaz de pôr termo à dominação cultural imposta durante séculos à arte nacional. Somente o rompimento com a figura paterna – a “transfiguração do Tabu em totem” a que Oswald de Andrade exorta o leitor do “Manifesto Antropófago” – oferece o caminho para que a produção artística brasileira seja obra de uma consciência verdadeiramente autônoma.

Intenta-se, com este breve artigo, embora sem a pretensão de explorar todas as dimensões de seu objeto, apontar as relações de intertextualidade estabelecidas entre a antropofagia oswaldiana e o mencionado estudo de Freud. Serão, ainda,

2. SANTOS. Ambivalências antropofágicas, p. 13.

aduzidas e analisadas, em suas linhas gerais, as contribuições da psicanálise à concepção do manifesto de Oswald de Andrade, bem como as ressignificações operadas pelo poeta paulistano sobre os conceitos de *totem* e *tabu*, além dos sentidos em que tais noções são apropriadas pelo projeto modernista.

É necessário ter em vista que, diante de um quadro de recessão econômica e crise do próprio Estado brasileiro, em que são reavaliadas não apenas políticas públicas, como também *projetos de nação*, o país atravessa novamente – quase cem anos após a realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo – um período de indefinição em que inarredavelmente se depara com o imperativo de *reconstruir-se a si próprio*. O tema da identidade nacional, tão caro aos intelectuais modernistas das primeiras décadas do século XX, readquire, assim, atualidade e relevância: “*Tupy or not tupy, that is the question*”.

CONTRIBUIÇÕES DE *TOTEM E TABU* AO “MANIFESTO ANTROPÓFAGO” DE OSWALD DE ANDRADE

Ao escrever o mito de *Totem e tabu* em 1913, Freud estava também respondendo a um de seus principais discípulos, o suíço protestante Carl Jung, que claramente divergia de Freud quanto à concepção de inconsciente. O psicanalista se apoiava na tese de que o inconsciente é edípico, enquanto Jung apresentava a ideia de inconsciente coletivo.

O retorno ao texto de Freud é indispensável para trabalharmos esse diálogo entre o “Manifesto Antropófago” de Oswald de Andrade e o mito freudiano. Este último foi escrito para aplicar a gênese do inconsciente, que é fundada na tradição paterna, juntamente com a Lei que essa ação traz no seu bojo. Dessa maneira, este artigo busca demonstrar a relação entre o pacto edípico e social do texto freudiano *Totem e tabu* e o “Manifesto Antropófago” de Oswald de Andrade.

***TOTEM E TABU*: UM MITO QUE APRESENTA A IDENTIFICAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E CULTURA**

Segundo Freud, em *Totem e tabu*, a gênese da construção social se estabelece com um pacto entre os filhos e o Pai. Nesse pacto se instaura a Lei. Pretendemos demonstrar a origem da Lei que caminha para a organização social, fazendo surgir os costumes, as regras e a sociedade.

Para Freud, o ato da devoração do Pai é a própria assimilação oral da primeira identificação e tem como consequência o pacto civilizatório. *Totem e tabu* traz à tona o sentimento de culpabilidade acarretado pela identificação com esse Pai.

A moral sexual é caracterizada por uma coerção dos impulsos sexuais. Após discutir a causa biológica das síndromes, juntamente com o higienismo, com Krafft-Ebing e Binswanger, autores já renomados à época, Freud, no texto

Moral sexual civilizada, demonstra que toda expressão da cultura se apoia nas proibições da pulsão. A renúncia pulsional nos possibilita ter laços emocionais, permitindo a Freud demonstrar a transição da sociedade agrícola para a sociedade moderna, período em que escreve esse texto, juntamente com o aparecimento do pacto de aliança que outrora se manifestava com o pacto da sanguinidade na formação das famílias e o pacto feudal, respectivamente.³

Os efeitos dessa coerção se voltam contra os seres humanos. Freud comenta essa construção da seguinte maneira: nossa cultura repousa integralmente sobre a coerção das pulsões – cada um é convocado a renunciar a uma parcela da pulsão agressiva e libidinal em favor da vida em grupo. Nesse texto, que precede *Totem e tabu*, já podemos perceber as preocupações de Freud com relação à organização da civilização e suas consequências no psiquismo do sujeito moderno.

Assim, podemos observar que não é em vão que as reflexões teóricas desenvolvidas em *Totem e tabu* criam uma indagação: “o que é um Pai?”. O trabalho de Freud foi o de inventar o mito do assassinato do Pai da horda primitiva para, assim, expressar a lei sobre a interdição do incesto e a proibição dos desejos do filho em relação à mãe, juntamente com o aparecimento do juízo moral. A gênese dessas novas formas de subjetivação, a meu ver, precede a organização do direito. Freud procura demonstrar o substrato edipiano

presente nessa interdição. É a partir desse ponto que este ensaio pretende dissertar que o Pai de *Totem e tabu* traz como efeito os pactos edípico e de direito. O mito freudiano indica que a culpabilidade, ou a “culpa humana universal”, é, como podemos perceber, consequência do desejo do filho de destruir o Pai, oriundo do sentimento de ambivalência nutrido na fase fálica.⁴ A culpa a que Freud faz referência é fundada sobre um Pai que traz implicações para a construção do inconsciente edipiano.

É por isso que *Totem e tabu* concentra todo um período de investigação em torno da noção do Pai, retomando aspectos da ambivalência e dos tabus, projeção e narcisismo,⁵ o sentido paterno do animal totêmico, o significado dos totens e dos tabus nas civilizações “bárbaras”.

Freud, no capítulo “Animismo, magia e onipotência de pensamento”, demonstra que os povos primitivos compreendem a vida a partir da prática do animismo, da magia e da onipotência de pensamento. A interpretação da realidade feita por esses povos, a partir do animismo, consiste em atribuir vida aos objetos inanimados. Para atingir as convicções anímicas, esses povos lançam-se às feitiçarias. A magia, para Freud, seria uma maneira de colocar em prática a vontade animista dos povos primitivos. O animismo não é um fato em si, mas a própria explicação de todo o universo.

3. FOUCAULT. *História da sexualidade* – O uso dos prazeres. v. 2, p. 143.

4. FREUD. Totem e tabu.

5. FREUD. Totem e tabu, p. 75.

A partir desse aspecto, Freud propõe pensar o animismo como preexistente à religião. A religião e a moral surgem quando um grupo quebra um determinado tabu. Apenas depois que a tribo quebra o tabu é que se institui o totem como um ente sagrado que não se pode tocar, possuindo o significado da religião. Ao longo do tempo, o totem se metamorfoseia, até incorporar traços humanos. A marca do humano no totem tem sua máxima representação na religião monoteísta. O surgimento da religião, da moral, como também da Lei, se vincula ao fato de esta se apoiar na figura do totem, que seria representado pelo Pai. É nesse contexto que Lacan, em um dado momento de seu ensino, propõe a leitura do segundo capítulo, “Animismo, magia e onipotência de pensamento”, e do terceiro capítulo, “O retorno do totemismo na infância”, de *Totem e tabu* como uma ontogênese. A partir do totemismo, Freud pretende dar conta do tabu. É da religião do totem que deriva o tabu – a Lei. É importante fazer essa articulação, pois é a partir desse ponto que podemos aproximar o Direito da Psicanálise.

As questões colocadas nesse texto têm como alvo o Pai – onipresente –, e o resultado desses resgates míticos e/ou teológicos consiste em ancorar o complexo de Édipo não apenas nas fantasias neuróticas, mas no ponto de origem da civilização monoteísta, fundando, assim, de modo mais amplo e seguro, a afirmação de sua universalidade.⁶

6. É justamente no período de discussão sobre a dessexualização da libido e sobre a presença de arquétipo no inconsciente, com Carl Jung, que Freud escreve o texto *Totem e tabu*

Esse Pai, representação máxima da potência e do excesso, tinha sobre os filhos, ao mesmo tempo, poder de *vida* e de *morte*. Um dia, os filhos, unidos, rebelam-se e assassinam-no, instituindo, com o crime, a sociedade que inaugura a civilização. A ação de se alimentar do Pai totêmico é o próprio modelo de identificação. A sociedade consolida-se nesse ato de devoração, surgindo a figura do *Pai morto*,⁷ representante dos ideais, valores, normas, leis e os direitos indispensáveis à civilização. O desejo inscreve-se no limite em que a Lei opera nos filhos desse Pai, implicando um corte pela cultura, que se desdobra na satisfação exogâmica do desejo de cada filho.⁸

Freud estuda a sociedade totêmica dos aborígenes australianos, em que a norma fundamental do desejo é exogâmica. A proibição de relações sexuais incestuosas teria como consequência a satisfação exogâmica. Para que haja um funcionamento para os jogos sexuais nessas tribos, há uma subdivisão dos grupos e clãs: cada qual é identificado por um totem que representa um animal, um vegetal ou um fenômeno natural de força divina. A lei da exogamia dá a direção do desejo, e os indivíduos da tribo, a partir da proibição do incesto, não podem ter relações sexuais com pessoas do mesmo clã totêmico, sendo obrigados a procurar outra forma de satisfação.⁹ Freud recupera o conceito de tabu para demonstrar que as sociedades primitivas eram submetidas a tabus que se fixam nos governantes (figura do Pai) e na concepção de morte.

7. A ideia de tomar como centro de *Totem e tabu* a noção de *Pai morto* é de Jacques Lacan, como pretendo desenvolver adiante.

8. Essa teoria totêmica parece ter chegado à perfeição quando J. Frazer, naquele ano de 1910, publicou um compêndio considerável e definitivo que se baseia na seguinte relação: totemismo e exogamia. Baseando-se nesse texto, Freud achou possível responder à enigmática questão: o que é um pai?

9. A maioria das tribos australianas organiza-se de maneira a incidir em duas divisões conhecidas como classes matrimoniais ou “fratrias”, que são exogâmicas e abrangem certo número de clãs totêmicos. Cada uma dessas fratrias é dividida em subfratrias.

Essa norma exogâmica é a consequência do horror ao incesto nos aborígenes, que, a partir da proibição, começam a criar instituições e costumes que regulam as relações de desejo dos indivíduos com seus pares. Essa referência de Freud será importante para trabalharmos os desdobramentos da lei moral, sobretudo no que concerne ao aparecimento da família.

Se o mito de *Totem e tabu* se refere à renúncia pulsional que a civilização impõe ao sujeito, teríamos a contração da proibição como consequência de um funcionamento para o desejo, instaurando para os filhos do Pai uma sexualidade exogâmica. A sexualidade, como veremos, é gerada a partir da união do desejo com a Lei, que tem como condição o modelo edipiano. O humano nasce, portanto, da proibição originária do incesto, e é exatamente desse conflito entre natureza e cultura que o mito edipiano do Pai da horda primitiva almeja dar conta.

Para Freud, o assassinato é a realização de um ódio que transforma os seres submissos em irmãos, e a morte do chefe da horda faz surgir uma culpa pelo fato de se ter matado o Pai. O sentimento de culpa e o direito são, desse modo, o fardo do assassinato do Pai, trazendo, paradoxalmente, como seu reverso, a necessidade de um castigo proveniente do poder do Pai. O sacrifício, o pecado e o parricídio surgem de maneira articulada no texto freudiano de 1913:

Um assassinato somente pode ser explicado pelo sacrifício de outra vida, o autossacrifício remete a uma culpa de sangue. E se esse sacrifício da própria vida produz a reconciliação com Deus-Pai, o crime assim expiado não pode ter sido outro senão o parricídio.¹⁰

A partir desse assassinato, Freud estabelece a culpa da humanidade como procedente de um crime contra o Pai, no ato de seu sacrifício. O pacto de obediência resolve-se na medida em que nenhum descendente ocupará o lugar do Pai morto, que usufrui de todas as mulheres. Todos os homens passam a ter direitos iguais depois do assassinato do Pai primevo. A consequência do assassinato é uma dívida de obediência ao pacto. É pelo fato de os homens amarem um Pai que todos os seres humanos estão submetidos a uma mesma lei. Essa indicação coloca-nos em direção a uma dívida simbólica, o culto de uma obediência retrospectiva, na medida em que o interdito do incesto é uma imposição do próprio Pai. Como consequência do assassinato do Pai primeiro, uma dívida é contraída com ele, que é, então, sacralizado, tornando-se um Pai sagrado, no qual não se pode tocar. A sacralização do Pai é uma tentativa de salvá-lo, porque ele, outrora, havia sido morto. A culpa é a expressão dessa morte, e o direito é a consequência dessa culpa. O Pai surge do próprio sacrifício do filho, pela cultura. Como tentativa de pacificar Deus-Pai pelo crime cometido contra ele, o sacrifício mostra o laço

10. FREUD. Totem e tabu, p. 155.

de aliança e reciprocidade que une um grupo ou um povo a uma divindade.

Nessa perspectiva, temos os irmãos devorando o Pai para conquistar seu lugar de filhos: trata-se de um gesto de identificação a partir do ato de se alimentar.

É a partir disso que, para Freud, o crime contra o Pai cria os princípios estruturais da sociedade. A religião começa a existir com a morte do Pai, juntamente com seus princípios morais. Como manifestação dos princípios morais e do direito, teríamos o “não matarás” e, portanto, a construção da cultura. Freud não deixa de lembrar, várias vezes, esse sexto mandamento. *Totem e tabu* demonstra que o mito do sacrifício do filho é o mito do pacto com Deus-Pai. Esse Pai odiado também passa a ser admirado. A morte do Pai apazigua o ódio, persistindo somente uma expressão do remorso. Por esse ato memorável, teríamos a organização social, a moral, o direito, a religião e a família: a humanidade que nasce do sangue do assassinato do Pai em um banquete totêmico.

Um acontecimento como a eliminação do Pai primevo pelo grupo de filhos deve inevitavelmente ter deixado traços ineradicáveis na história da humanidade, e, quanto menos ele próprio tenha sido lembrado, mais numerosos devem ter sido os substratos a que ele deu origem.¹¹

11. FREUD. Totem e tabu, p. 156.

No mito freudiano, os irmãos terminam decidindo pela condenação do tirano à morte, matando-o e consumindo-o no decorrer de um repasto canibalesco. A noção de banquete totêmico está, todo o tempo, na teoria freudiana, ligada à pulsão oral. Freud prossegue:

Que tenham comido o cadáver do Pai, nada tem isso de espantoso, dado que se trata de canibais primitivos. O ancestral violento era certamente o modelo invejado e temido de cada um dos membros dessa associação fraterna. Ora, pelo ato de absorção, realizavam sua identidade com ele, apropriando-se cada um de uma parte de sua força.¹²

A consequência desse gesto é a instituição da figura do Pai, por meio de uma sacralização: um Pai sagrado, intangível, mas que, paradoxalmente, institui a paternidade como elemento central na construção de um cosmos familiar que se organiza em torno de sua dádiva, juntamente aos afetos de *amor* e ódio que ele desperta. Dessa maneira, o bem comum passa a ser a sacralização do Pai. Surge, então, um Pai, representado pelo sacrifício, que passa a ser o bem comum divinizado.

É importante considerar que os mitos fundadores das sociedades humanas são atribuídos a um valor universal. Todas as variantes de um mito se manifestam em uma série formal; daí é que podemos encontrar a importância

12. FREUD. Totem e tabu, p. 163.

antropológica do texto de Freud. As construções freudianas deste mito convergem para uma forma possível de construção social que se inicia a partir de um ritual totêmico à construção de uma identidade e de uma cultura. Se Oswald de Andrade se interessou por esse mito, isso se deve ao processo de identificação que se estabelece a partir da devoração do Pai primevo e da formação de uma subjetividade.

ANTROPOFAGIA: A TRANSFORMAÇÃO DO TABU EM TOTEM PELO MODERNISMO BRASILEIRO

A publicação, em maio de 1928, do “Manifesto Antropófago” constitui um marco na história do movimento modernista no Brasil. Lançado pela célebre *Revista de antropofagia* em sua edição inaugural, o texto de Oswald de Andrade exprime, de forma radical, a busca pelo rompimento com o denominado “espírito bragantino” – que, mesmo após um século de autonomia política, ainda paira sobre o território nacional. Nesse sentido, é incisivo o autor do Manifesto: “A nossa independência ainda não foi proclamada”.¹³

Ao exortar o leitor contra as “elites vegetais”¹⁴ – expressão que designa os intelectuais cuja incapacidade crítica conduz, por um longo período, à perpetuação do cânone europeu – e contra “todos os importadores de consciência enlatada”,¹⁵ que submetem a produção cultural brasileira à carcomida moralidade do velho continente, Oswald de Andrade traz à

tona um tema que, conforme visto, já na estética romântica é delineado: a *identidade nacional*.¹⁶ Não é, portanto, inédita a questão central que ocasiona a redação do Manifesto. Contudo, trata-se de um texto notadamente sensível ao seu tempo e aos impasses que envolvem a linguagem e a criação artística no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Atestam sua atualidade não apenas a influência direta das vanguardas europeias, mas também os então recentes avanços da antropologia social e da psicanálise. Tendo em vista os propósitos e as limitações do presente trabalho, constitui objeto deste breve ensaio tão somente a conexão entre o “Manifesto Antropófago” e o último dentre os campos mencionados – ou, mais estritamente, a relação de intertextualidade estabelecida entre o texto de Oswald de Andrade e a obra *Totem e tabu*, de Freud.

Em primeiro lugar, cabe observar que são diversas as passagens, no decorrer do manifesto, em que o leitor se depara com alusões diretas ao mito freudiano. Com efeito, é possível afirmar que suas marcas se fazem presentes na própria *concepção* do texto modernista – uma vez que, em mais de um trecho, recorre o autor aos conceitos de totem e tabu para aduzir o que consistiria no *cerne* do movimento antropófago: “Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem”.¹⁷ E, ainda, em outra passagem: “A transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia”.¹⁸

13. ANDRADE. Manifesto Antropófago, p. 4.

14. ANDRADE. Manifesto Antropófago, p. 2.

15. ANDRADE. Manifesto Antropófago, p. 1.

16. Essa construção da identidade à luz do mito apresentado em *Totem e tabu* não se dá por acaso, se levarmos em consideração a proposta de identificação do texto de Freud.

17. ANDRADE. Manifesto Antropófago, p. 2.

18. ANDRADE. Manifesto Antropófago, p. 3.

Antes de se passar, propriamente, à aproximação entre os dois textos, vale expor, em linhas gerais, os dois conceitos-chave apresentados por Freud no estudo mencionado.

O vocábulo *tabu*, de origem polinésia, é empregado pelo psicanalista com a acepção de “temor sagrado”, sentimento cuja raiz remonta ao inconsciente. Seu significado remete à “proibição primeva forçadamente imposta (por alguma autoridade) de fora e dirigida contra os anseios mais poderosos a que estão sujeitos os seres humanos.¹⁹ Nos termos em que a expressão é encontrada na obra de Freud, seu referente pode assumir formas as mais variadas: não apenas a pessoa, o objeto, o lugar ou a condição transitória que venham a constituir o veículo dessa misteriosa propriedade, como também “as proibições advindas do mesmo atributo”.²⁰ A multiplicidade de possíveis conotações para o signo em questão – de um lado, a palavra denota as ideias de “sagrado” e “consagrado”, e, de outro, aponta para os sentidos de “misterioso”, “perigoso”, “proibido” e “impuro”²¹ – assevera a ambiguidade característica do estado psicológico associado ao tabu, traço esse que, conforme sustenta Freud, pode ser identificado desde suas mais remotas manifestações na chamada *horda primeva*. Diversamente das instituições morais e religiosas, a sanção pela inobservância da restrição imposta pelo tabu é acionada *per se*, ou seja, automaticamente. Constituiriam as duas interdições fundamentais das comunidades primitivas a vedação ao incesto e a regra que proíbe a ingestão do animal totêmico.

O conceito de totem, por sua vez, refere-se à “classe de objetos materiais que um selvagem encara com supersticioso respeito, acreditando existir entre ele e todos os membros da classe uma relação íntima e inteiramente especial”.²² Logo, não consiste o totem em um ente isolado, mas em uma *categoria* – em geral, há uma coincidência entre essa categoria e a noção biológica de *espécie*, seja ela animal ou vegetal.

O totemismo, instituição social-religiosa que, afirma Freud, designa uma fase regular em todas as culturas, surge como a base da organização social nos povos primitivos de continentes como Oceania, África e América. Sob o ponto de vista do temor reverencial diante do animal totêmico, destaca-se que tal sentimento decorre de um *deslocamento* dos sentimentos ambivalentes dirigidos originalmente à figura do Pai para o totem do clã respectivo. As contraditórias emoções de remorso e soberba experimentadas coletivamente pelo homem primitivo são periodicamente revividas nos rituais de matança sacramental e de ingestão comunal do animal totêmico.

É precisamente nesse último aspecto – qual seja, a importância atribuída ao sacrifício do espécime sagrado ao clã – que reside o ponto fundamental de convergência entre o ensaio de Freud e a concepção de antropofagia apregoada pelos modernistas brasileiros. Ao devorar o animal totêmico, como demonstrado na seção anterior, manifesta o homem

19. FREUD. Totem e tabu, p. 21.

20. FREUD. Totem e tabu, p. 15.

21. FREUD. Totem e tabu, p. 13.

22. FRAZER *apud* FREUD. Totem e tabu, p. 54.

primitivo o reconhecimento originalmente consagrado ao *Pai morto*, cuja força lhe havia conferido a posição de líder da horda primeva, permitindo-o banir unilateralmente os demais machos do grupo. Embora tenha se insurgido contra seu genitor, o homem primitivo nutre por ele incontestável admiração; é essa a razão pela qual pretende ingerir sua carne e seu sangue, incorporando, assim, seus atributos.

Vale registrar, a esse respeito, a distinção apresentada por Benedito Nunes no ensaio “O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura” (2011). Segundo o crítico e filósofo paraense, nem todo ato de canibalismo contém em si um sentido antropofágico. De acordo com essa concepção, não seria, por exemplo, necessariamente antropófago aquele que se alimenta de pequenas partes do corpo de seus semelhantes, desde que estes já se encontrassem mortos na ocasião de sua ingestão. Ao enunciar em que consistiria o verdadeiro significado da prática em questão, assevera o autor:

A absorção da carne do outro morto em batalha era antropofagia, a ingestão do inimigo chamado “sagrado” [...], aquele que tinha virtudes a serem aproveitadas. A ingestão de carne humana era, então, ao mesmo tempo um ato de vingança e de apropriação das faculdades do inimigo corajoso. Essa ingestão proporcionava, portanto, uma continuidade mágica do espólio consumido.²³

23. NUNES. O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura, p. 18.

Não é outro o propósito do ato antropofágico a que se refere o autor do manifesto. O sentimento inscrito no texto de Oswald de Andrade, vale ressaltar, também é de natureza ambígua: não há dúvidas de que, de um lado, o destinatário é incitado a se voltar contra a tradição e contra “o homem vestido”²⁴ a que alude o poeta; no entanto, de outro lado, é reconhecido o valor do cânone europeu, visto que apenas o legado considerado apto a gerar frutos em território nacional é digno de ser devorado. Os fins pretendidos ao se expurgar esses velhos fantasmas são antes uma renovação na dicção e uma adequação da expressão artística às demandas da língua, do imaginário e da realidade do país, do que o simplório fomento de uma produção adstrita ao saudosismo romântico da “cor local”.²⁵ É esse o sentido da afirmação “Só me interessa o que não é meu”.²⁶ Qual seria, então, o Tabu mencionado no manifesto? De que natureza seria a interdição erigida em totem pelo movimento modernista? Interessante, no que toca a esse ponto, atentar para a inicial maiúscula com que o termo é grafado pelo autor. Não se trata, decerto, da lei que proíbe as relações incestuosas. Ora, ante o exposto, não há como fugir à constatação de que o crime em questão é o *parriádio*, caracterizado na medida em que a cultura brasileira é apresentada sob a perspectiva de uma ambígua relação de *filiação* à matriz europeia. Matança sacramental e ingestão coletiva do corpo do Pai morto: eis o ritual antropofágico. É esse ato

24. ANDRADE. Manifesto Antropófago, p. 1.

25. Resta indagar, porém, se tal gesto dos modernistas brasileiros representa genuinamente um rompimento com o espírito europeu, tendo em vista o manifesto interesse das vanguardas do início do séc. XX pelo *exótico* – ou seja, por elementos alheios à tradição do “homem vestido”. Em um contexto em que o próprio velho continente adota uma postura antieuropeia, não estariam os modernistas reproduzindo, em território brasileiro, uma atitude importada? Tal questão, levantada por Adriano Bitarães Netto (2004), ultrapassa, porém, os limites do presente ensaio. De todo modo, o ideal impresso no “Manifesto Antropofágico” sem dúvida contribui para a renovação da produção artística nacional, bem como para uma aproximação entre arte, língua e imaginário no Brasil.

26. ANDRADE. Manifesto Antropófago, p. 1.

ambivalente e iconoclasta que tomaria o lugar do totem na operação idealizada pelo Modernismo brasileiro.

Nota-se, assim, que o postulado freudiano da mente coletiva também se aplica à intertextualidade que constitui objeto do presente ensaio, uma vez que é possível, sem maiores distorções, aplicá-lo à categoria da *nação* – um dos elementos centrais no texto de Oswald de Andrade.

Merece registro, por fim, uma observação atinente ao sujeito que se enuncia no manifesto. Resta evidente, ante o uso pronominal inscrito no texto, que a mensagem é endereçada ao leitor por um ente coletivo: “Só a Antropofagia *nos une*”. Em diversas passagens, essa subjetividade encontra sua expressão no vocábulo *caráiba* – signo com que o autor expõe seu ideal de união do povo brasileiro por meio da reconstituição de sua herança indígena dispersa em todo o território nacional. De acordo com Raquel R. Souza,²⁷ o termo *caráiba* designa tanto a comunidade indígena com que os colonizadores portugueses estabelecem contato, na região norte, à época do descobrimento, quanto a grande família linguística a que pertencem as tribos então encontradas ao sul da colônia. A “Revolução Caraíba”,²⁸ nos termos em que a define o próprio Oswald de Andrade, consistiria, assim, na “unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem”.²⁹ O selvagem canibal, proclama o autor do manifesto, “ensinaria o homem a desaprender, a voltar a ser nu, a se livrar da metafísica e de

todos os tabus impostos pela cultura patriarcal do ocidente”.³⁰ Tais postulados seriam também desenvolvidos por Oswald de Andrade na utopia do Matriarcado de Pindorama.

A expressão *Revolução Caraíba*, portanto, reúne em si os principais aspectos do projeto antropofágico e ilustra, com o merecido realce, a conexão direta entre o Modernismo brasileiro e os comportamentos do homem primitivo que constituem objeto do ensaio de Freud. Não por acaso a imagem do silvícola é escolhida por Oswald de Andrade como modelo ético e estético a servir de orientação à produção artística nacional.

CONCLUSÃO: *TOTEM E TABU* E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA

Como demonstrado nas seções anteriores, o tema da identificação se apresenta como o principal eixo a partir do qual é possível aproximar o ensaio *Totem e tabu*, de Freud, e o “Manifesto antropófago”, de Oswald de Andrade. Sem dúvida, tanto no mito freudiano quanto no texto modernista, o ideal de construção da subjetividade – seja ela individual ou coletiva – encontra na figura do Pai sua inarredável referência.

Ora pela via da afirmação, ora pela via do rompimento, a relação de filiação à noção abstrata de uma ancestralidade paterna é assumida como o critério fundamental a servir de norte

30. BITARÃES. *Antropofagia oswaldiana: um receituário estético e científico*, p. 69.

27. SOUZA. Comentário e hipertextos ao manifesto antropófago, p. 3.

28. ANDRADE. Manifesto Antropófago, p. 1.

29. ANDRADE *apud* BITARÃES. *Antropofagia oswaldiana: um receituário estético e científico*, p. 69.

para que possa um dado sujeito conformar-se a si próprio. O gesto ambíguo de devoração do Pai, de que decorrem simultaneamente sua supressão e sua “continuidade mágica”, na expressão de Benedito Nunes,³¹ é, nesse sentido, recuperado por Oswald de Andrade em seu manifesto como o grande tabu a ser “transfigurado em totem”.³² O crime de parricídio – tomando-se como a figura do Pai a tradição europeia – é, portanto, o *pecado original* que instaura a Revolução Caraíba, atitude sem a qual, na perspectiva modernista, restará frustrada a consolidação de uma produção artística genuinamente nacional.

Merece destaque, no que concerne à concepção oswaldiana de construção da subjetividade como um processo assimilativo – ou, ainda, *antropofágico*, nos termos em que o apresenta o poeta paulistano –, o fato de que a identidade brasileira representa com precisão a noção de *mélange*, uma vez que resulta da assimilação de várias culturas e tradições.

Eis um aspecto que deve necessariamente ser considerado nos dias atuais, em que ganham fôlego crescente discursos totalizantes e extremistas, restando um espaço cada vez menor para a tolerância e a diferença. Tanto no Brasil, onde, nos últimos anos, o debate político vem sendo reduzido a um pobre e tristonho binarismo, como também no cenário global, não se divisa senão brumas no horizonte. Um momento de indefinição, e, por ora, isso é tudo que se pode afirmar com segurança.

31. NUNES. O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura, p. 18.

32. ANDRADE. Manifesto Antropófago, p. 3.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. **Revista de antropofagia**, São Paulo, n. 1, v. 1, maio 1928. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/files/manifesto_antropofago.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2016.

BITARÃES NETTO, Adriano. **Antropofagia oswaldiana**: um receituário estético e científico. São Paulo: Annablume, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** – O cuidado de si. v. 3. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** – O uso dos prazeres. v. 2. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: **Psicanálise e cultura**; Freud e Lacan. Conexão Lacaniana: 2008.

GONÇALVES, Marcos Augusto. **1922: a semana que não terminou**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NUNES, Benedito. O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). **Pensar/escrever o animal**: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

SANTOS, Luís Alberto Brandão. Ambivalências antropofágicas. In: BITARÃES NETTO, Adriano. **Antropofagia oswaldiana**: um receituário estético e científico. São Paulo: Annablume, 2004, p. 11-13.

SOUZA, Raquel R. Comentário e hipertextos ao manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2016.